



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

LAIANE TAVARES DE REZENDE

**MACHADO DE ASSIS, CUTI E CONCEIÇÃO EVARISTO: VOZES REAIS DO SEU
TEMPO REFLETINDO PROBLEMAS REAIS DO SEU POVO**

Brasília – DF

2021

Laiane Tavares de Rezende

**MACHADO DE ASSIS, CUTI E CONCEIÇÃO EVARISTO: VOZES REAIS DO SEU
TEMPO REFLETINDO PROBLEMAS REAIS DO SEU POVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa

Aprovada - Menção SS, com louvor.

Brasília – DF

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela amabilidade, proteção e saúde, à Nossa Senhora pela bondade e presença, à Jesus pela luz e pelos momentos fraternos, ao meu Anjo da Guarda pelo cuidado, aos amigos espirituais pela presença amorosa.

Agradeço aos meus pais, irmãos e familiares pelos braços abertos a me receber.

O meu agradecimento especial à Prof^a Dr^a Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa pela orientação cuidadosa, cheia de ternura e afeto, colaboração valiosa e sabedoria nas reflexões e nos pensamentos que contribuíram para a elaboração deste artigo.

Um agradecimento muito especial à amiga Claudiany Pereira da Costa pelo apoio, suporte e companheirismo de todas as horas, mas principalmente pela amizade fiel que sempre oferece de coração aberto.

Agradeço à Oxum pela inspiração e conforto.

Agradeço à Universidade de Brasília pelas diversas experiências vivenciadas até aqui.

Aos amigos Luis Gabriel Dupret Carvalhal e Julwaity Quaresma Cardoso Pimentel Neto pelo incentivo sempre presente e pela colaboração incondicional.

Ao meu benfeitor André Luiz Lacerda Medeiros pela bondade, coragem e pelo companheirismo em todas as horas. Sua existência iluminou a minha vida.

Aos amigos são-tomenses, cabo-verdianos, moçambicanos, angolanos, guineenses e timorenses pela amizade e ousadia de partilharem suas histórias de vida.

A todos que de alguma forma colaboraram para a realização deste artigo.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a temática presente nos contos *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, *Conluio das perdas*, de Cuti, e *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, pensando-os como o lugar da voz do negro presente na literatura brasileira. Para isso, destacaremos a realidade de uma problemática humana, causada pelo racismo estrutural em nossa sociedade, e que é, pela denúncia, transformada em matéria de reflexão e, talvez, sensibilização social para a causa. Para o nosso estudo destacamos as reflexões de Kilomba (2019), Gonzalez (2020), Coates (2015), Duarte (2020), Candido (2004) e Evaristo (1996, 2016).

Palavras-chave: Machado de Assis. Conceição Evaristo. Cuti. Racismo. Memória.

ABSTRACT

This article aims to study and analyse the short stories *Pai contra Mãe*, by Machado de Assis, *Conluio das Graças*, by Cuti, and *Olhos d'água*, by Conceição Evaristo, taking them as the place of speech of black people in Brazilian literature. For this, we highlight the reality of a human problem, caused by the structural racism in our society, which is, upon denunciation, transformed into a matter of reflection and, perhaps, social awareness of the issue. For this study, the theoretical framework will consist of Kilomba (2019), Gonzalez (2020), Coates (2015), Duarte (2020), Candido (2004) and Evaristo (1996, 2016).

Keywords: Machado de Assis. Conceição Evaristo. Cuti. Racism. Memory.

Introdução

A crítica literária, não raro, acusou Machado de Assis de não ser um representante da questão abolicionista por não trabalhar essa temática de forma direta nos seus textos. Entretanto, quando entramos em contato com a obra do autor, percebemos que a problemática social da sua época, tal como a escravidão, a loucura e a fragilidade das relações sociais sempre esteve presente no seu universo ficcional e nas suas preocupações como sujeito social do seu tempo.

No conto escolhido para análise, por exemplo, *Pai contra mãe*, a temática da escravidão, do racismo e da misoginia se faz presente de forma muito acentuada. A contar do título, já observamos o tratamento das relações sociais homem x mulher, homem branco x mulher negra, homem livre x mulher cativa. Apesar de o universo de ambos, o pai e a mãe, se cruzar pelo fio condutor da pobreza e da submissão, a opressão sofrida pela mulher ainda é maior e, até aquele momento histórico, sem solução.

Dessa forma, observando igualmente a sociedade contemporânea e a voz dos autores afro-brasileiros nesse cenário, percebemos sobremaneira que aquilo que foi objeto de análise literária por Machado de Assis, no século XIX, continua a se perpetuar na sociedade, de forma estrutural, e continua fortemente representando a voz de escritoras e escritores negros que incessantemente denunciam o racismo, a opressão e a submissão do homem negro e da mulher negra na sociedade.

Conluio das perdas, conto do escritor negro contemporâneo Cuti, denuncia a problemática ocasionada pela questão racial e como isso tem impacto direto na vida dos negros por meio da violência. No conto, o personagem, em um primeiro momento, é vítima de uma situação de violência e, num segundo momento, ele passa a ser o gerador de violência. Ao ocasionar dor a si e ao seu pai, ele pune a si e a ele, ainda que não consiga vislumbrar isso de imediato. Podemos, então, perceber que, ao sofrer violência racial, de uma forma ou de outra essa dor reverberará na vida da pessoa, na vida em sociedade. Dessa forma, poderíamos nos perguntar se essa seria uma maneira de sobrevivência que tem como ação a resistência e a superação da violência racial. O caminho mais fácil é sempre o isolamento, como veremos por meio da reação do personagem vitimado no conto.

O que a narrativa em questão nos mostra é a realidade de ser negro no Brasil. Não importa o que somos, não importa o trabalho que fazemos, não importa a posição ocupada, o branco sempre ocupará uma posição de destaque, estará sempre à frente do negro, pois o negro, no imaginário social escravocrata que ainda é vigente para uma parcela da população,

serve apenas para prestar assistência, é um mero auxiliar. Então, tudo é feito para que nós nos sintamos inferiores, menores, menos inteligentes, menos eficientes e, por mais que lutemos contra esses sentimentos e sensações, tem sempre alguém disposto/capaz de verbalizar palavras carregadas de preconceitos.

No ambiente de trabalho escutamos, reiteradas vezes, que nunca chegaremos a nos sentar em uma posição de destaque numa mesa de negociação ou coisa parecida, pois na hora de negociar será sempre o branco que terá voz, ainda que você tenha preparado o *briefing*. A violência por que passam os negros muda de forma constantemente. Se no passado era a escravidão, hoje são as consequências dela que atuam a cada instante na sociedade e precisam ser incessantemente discutidas e denunciadas.

Schwarcz e Starling (2015, p. 92), ao falarem sobre a mudança de termos ao longo do tempo e do espaço, esclarecem que “permanece uma divisão guardada em silêncio e condicionada por um vocabulário que transforma cor em marcador social de diferença, reificado todos os dias pelas ações da polícia, que aborda muito mais negros do que brancos e neles dá flagrantes”. Poderíamos assim nos questionar: de onde vem essa noção de que o negro é o bandido, é o culpado, é mole, não é trabalhador, é preguiçoso? Seria isso resquício da nossa estrutura colonial e patriarcal, que insiste em permanecer viva e atuante numa sociedade em que desde a colonização o branco sempre foi maioria representativa?

No conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, temos a presença e a voz de personagens mulheres de várias gerações no mesmo espaço (mãe, filhas, neta), além da presença protetora dos ancestrais da família. As personagens são pobres e negras, mas apesar da fome, da miséria, da pouca roupa, da estrutura da casa insegura, a personagem (filha que um dia se tornará mãe) é uma observadora que guarda no íntimo de seu ser memórias, recordações sensíveis da infância que, apesar de difícil, foi encantadora por possibilitar tanta ternura da mãe em relação às suas filhas. Temos também a presença forte da Orixá feminina Oxum, que permeia todo o conto *Olhos d'água*. Oxum é a rainha da água doce, senhora dos rios e cachoeiras, ela representa a força do poder feminino nas religiões de matriz africana, conhecida carinhosamente como Mãe d'água.

Reis Neto (2020, p.1) afirma que Oxum, “na tradição afro-brasileira, é a senhora da fertilidade e a potência criadora da vida. Oxum é quem nos permite enxergar, pensar, sentir, sonhar e esperar a vida mesmo diante da morte, a bonança mesmo diante da escassez”. Portanto, dialoga perfeitamente com a ideia que o conto faz questão de destacar ao trazer a imagem de cantoria, de festa, e o que seria essa alegria senão resistência? A religião de matriz africana sempre foi lugar e sinal de resistência, assim como a cantoria o é. E, por isso mesmo,

igualmente foi proibida e criminalizada, como no contexto contemporâneo ainda é demonizada dentro dos contextos social e religioso.

A leitura dos três contos aqui elencados nos mostra, portanto, a realidade de uma problemática crucial humana, dada pelo racismo estrutural em nossa sociedade, e que é, pela denúncia, transformada em matéria de reflexão e, quem sabe, sensibilização social para a causa.

Este estudo terá três seções, a saber: a primeira voltada ao conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis; a segunda será dedicada ao conto *Conluio das perdas*, de Cuti; e, finalmente, a terceira é composta pelo conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. Vale destacar que a metodologia utilizada será a análise dos contos mencionados.

Pai contra Mãe: a voz de *Arminda* clama por reparação

A primeira seção da nossa pesquisa aborda o conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis. O objetivo será, portanto, fazer uma leitura do conto a partir da perspectiva da personagem Arminda e, assim, ouvir sua voz de mulher, negra, escrava e grávida que clama por reparação.

Antes, porém, falemos um pouco sobre o autor do conto a ser (re)lido. Antônio Candido (1977) afirma que Machado de Assis é:

[...] um **escritor poderoso** e atormentado, **que recobria os seus livros com a cutícula do respeito humano** e das boas maneiras para poder, debaixo dela, **desmascarar**, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade. (CANDIDO, 1977, p. 18) (Grifos nossos).

De fato, Machado de Assis, por meio da literatura, buscou “desmascarar” de forma a desvelar os conflitos sociais, a hipocrisia, o interesse e as contradições da sociedade brasileira, por isso conseguimos perceber os reflexos das questões colocadas nos contos machadianos, pois estas são questões que nos atingem ainda hoje. Nada foi capaz de aprisionar a voz da personagem Arminda, que pede por reparação a cada releitura do conto *Pai contra mãe*. Por essa razão, olhamos para os valores colocados no texto do ponto de vista da Arminda mulher, negra, escrava e grávida, o que acontece quando lemos o conto a partir da perspectiva dessa voz oprimida.

Para Antonio Candido (2004, p.186), “[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrições dos direitos, ou de negações deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. [...]”. Nesse aspecto,

abordaremos o conto *Pai contra mãe*, que foi publicado em 1906, no livro *Relíquias da Casa Velha*. Duarte (2020, p. 306) destaca que é significativo o fato de o autor ter inserido *Pai contra mãe* justo no começo do livro *Relíquias da casa velha* (1906). Logo após *Advertência* e o soneto *A Carolina*, surge aos olhos do leitor o passado que as elites tanto se esforçavam por fazer esquecer.

O título do conto nos sugere uma equivalência entre os dois personagens centrais, mas, ao lermos o conto com cuidado, percebemos que tal equivalência simplesmente não existe. Seria esse um falso dilema moral? Por qual motivo o narrador faria esse tipo de jogo desde o título? Ademais, o narrador tenta persuadir o leitor a olhar os personagens de forma igual, com a mesma medida, com os mesmos direitos, como se a relação homem x mulher, homem branco x mulher negra, homem livre x mulher cativa pudesse ter o mesmo peso numa balança. No conto são tratados os temas da escravidão, do racismo e da misoginia e seus reflexos, de maneira objetiva:

A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a **outras instituições sociais**. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. **Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres**. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. **Tinha só três buracos**, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. **Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel**. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. **Mas** não cuidemos de máscaras. (ASSIS, 1906, p. 3) (Grifos nossos).

Machado de Assis compara a escravidão com outras instituições sociais. Precisamos então nos questionar se a escravidão seria mesmo qualquer instituição social. Poderíamos nos perguntar ainda se a escravidão de fato deixou de marcar aquilo que somos hoje. Ou ainda, se ela deixou de existir.

Não podemos e não devemos encarar a escravidão com naturalização, como se fosse algo normal, que ficou no passado e sobre a qual não deveríamos mais falar. Mesmo que o narrador sugira que não devemos falar sobre máscaras por serem grotescas, falaremos sim, sobre tal crueldade, sobre ferro ao pescoço, ferro ao pé e máscara de folha-de-flandres, pois estes eram “artifícios” utilizados como instrumentos de escravização pelos senhores proprietários de escravos de maneira a assegurar o controle e a ordem social e no intuito de evitar a sua fuga.

Machado (1906, p. 3) deixa marcado que “a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel”, e simplesmente se esquece de que disse que a máscara era grotesca, portanto, indica que é algo totalmente justificável. E vai além ao dizer que “os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas”, como se fosse algo comum, banal, cotidiano, tal como uma fruta em frente a uma tenda. Como não cuidar de máscaras diante de tal banalização e naturalização da violência, do horror da escravidão?

Ao reivindicar a palavra para falar sobre a “*máscara do silenciamento*”, Kilomba (2019, p. 33) afirma que:

tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do *sujeito negro*, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. [Esclarece que] oficialmente, a máscara era usada pelos senhores *brancos* para evitar que africanos/os escravizados/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. [Assim,] a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “*Outras/os*” [...]. (KILOMBA, 2019, p. 33).

Segundo Machado (1906, p. 4): “Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam de apanhar pancada”. Pode-se dizer com base nesta citação que o problema não era a pancada, o problema posto é que nem todos gostavam dessas pancadas, afinal havia gente que não gostava de apanhar. Por essa razão, buscavam escapar dos maus-tratos físicos e morais que lhes eram impostos.

Ao trazer um dos personagens centrais para a narrativa, Machado de Assis relaciona a fuga dos escravos ao ofício de capturar escravos. No entanto, o autor deixa explícito o desprestígio social de tal ofício ao dizer:

Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem. (ASSIS, 1906, p. 4-5).

Conheçamos então nosso personagem Candido Neves, algoz de Arminda, a escrava grávida.

Cândido Neves, -- em família, **Candinho**,-- é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. **Tinha um defeito grave esse homem**, não agüentava

emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; **foi o que ele disse a si mesmo**. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. **A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho**, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos. (ASSIS, 1906, p. 5).

É interessante observar a forma como o autor apresenta o personagem Cândido Neves, pois traz os traços de branquitude presentes no nome. Nesse contexto, Duarte (2020) destaca que:

os nomes com que o texto designa o protagonista e sua companheira indiciam a inserção dos personagens no *status quo* marcado pela hegemonia do discurso senhorial, que reduzia o escravizado a mercadoria, e sobrepunha na prática o direito de propriedade ao da liberdade. (DUARTE, p. 308).

Observemos que o autor utiliza o diminutivo para forjar certa intimidade: “Candinho”, afinal devemos vê-lo com empatia, uma vez que ele cedeu à pobreza e, por esse motivo é que ele pega/caça escravos. Ao olharmos para Candinho com cuidado, veremos que não lhe faltavam oportunidades de emprego, portanto, não podemos dizer que foi a pobreza que o levou a ser caçador de escravos, e sim o fato de que trabalhar é coisa para escravo; para ele não havia coisa pior do que ser rebaixado a tal condição, ele suportava ser homem livre pobre, mas escravo ele não era.

Nas palavras de Duarte (2020, p. 308):

Cândido Neves faz a figura do homem branco constituído pelo pensamento que rebaixa e desvaloriza o trabalho, sobretudo manual, não se apegando a nenhuma profissão. Desta forma, capturar escravos fugitivos tem para ele um “encanto novo”, liberando-o da rotina dos balcões, do enfado dos escritórios e oficinas. (DUARTE, 2020, p.308).

Duarte (2020, p. 308) assinala ainda que o

casamento com Clara e a gravidez desta aceleram sua derrocada rumo à indigência. Despejado por não pagar o aluguel, vivendo de favor num quarto dos fundos e com o filho por nascer, o protagonista intensifica a caça aos fugitivos, sem nada conseguir, pois havia outros no mesmo “ofício”, a concorrência aumentara, e os “lucros entraram a escassear”. (DUARTE, 2020, p. 308).

Em breve síntese, a gravidez de Clara, as dívidas, o despejo da casa onde moravam, a chance de perder o filho para a Roda dos enjeitados fez com que Candinho saísse à procura da escrava Arminda, pois sua captura valeria cem mil-réis. Contudo, Cândido não obtém êxito

em sua empreitada e resolve entregar o filho à Roda dos enjeitados, ainda que isso lhe cause sofrimento.

A violência e o horror presentes no início do conto voltam a aparecer na narrativa com o anúncio da fuga da escrava Arminda.

[...] Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

--Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

-- É ela mesma.

-- Meu senhor!

-- Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou. (ASSIS, 1906, p. 16).

Que sociedade é essa que fica paralisada diante dos gritos desesperados de uma mulher grávida? Por que Arminda não obtém o socorro pretendido/esperado? Candinho lhe tira a tão almejada liberdade e a transforma em um objeto; uma coisa que vale algum dinheiro. Percebam que a naturalização da cena, apesar de estar manchada de sangue, de horror, de violência não mobiliza a sociedade em volta da questão que se coloca no conto. No entanto, podemos dizer que se a voz de Arminda não foi ouvida naquele momento, ela certamente ecoou daquelas páginas do livro *Relíquias da Casa Velha* e chegou até nós como força que resiste a todo tipo de dor e sofrimento em busca da reparação em torno de ser negra/o completa/o em toda sua potencialidade:

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. [...] urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre. (ASSIS, 1906, p. 16).

Por mais que o autor tente demonstrar uma relação simétrica entre os dois personagens centrais do conto, do ponto de vista da escrava não há simetria nem equivalência entre suas histórias. O filho de Arminda vai da liberdade à morte, enquanto o de Cândido Neve vai da possibilidade da entrega à liberdade de conviver com os pais.

[...] O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. [...] Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

--Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração (ASSIS, 1906, p. 16-17).

Conforme Duarte,

a frase surge carregada de trágica ironia, em função de que a morte da criança negra propicia a “salvação” da criança branca, prestes a ser largada na “Roda dos enjeitados”. Para os pais já resignados com a perda, é como se o filho nascesse novamente devido ao dinheiro ganho com a prisão da fugitiva. (DUARTE, 2020, p. 309).

Machado de Assis, por meio do conto, nos mostra algo que nós não conseguiríamos observar de outro modo senão por intermédio da literatura/arte. A escravidão é o elemento insuperado da formação brasileira e precisamos compreender como ela permanece sendo esse elemento insuperável da nossa realidade enquanto sociedade.

Antônio Candido (2004, p. 177) afirma que

[numa] sociedade duramente estratificada, submetida à brutalidade de uma dominação baseada na escravidão, se de um lado os escritores e intelectuais reforçaram os valores impostos puderam muitas vezes, de outro, usar a ambiguidade do seu instrumento e da sua posição para fazer o que é possível nesses casos: dar a sua voz aos que não poderiam nem saberiam falar em tais níveis de expressão.” (CANDIDO, 2004, p. 177).

Conversamos sobre a desigualdade no Brasil evidenciando as nuances e as complexidades em relação ao processo de abolição e pós-abolição, especialmente quando olhada a partir dos olhos de pessoas negras, e como as relações de classes e de raça estavam muito interconectadas na estrutura que temos desde o período colonial e que persistem em ser estrutura ainda hoje na nossa sociedade. Essa será uma oportunidade significativa para a sociedade brasileira se reconhecer como um coletivo: apontar como o fardo da escravidão impactou e impacta a vida cotidiana das pessoas negras em todas as dimensões; a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, por mais que esteja sendo discutida, está longe de alcançar os espaços pretendidos, restando às mulheres os papéis de menor destaque e valor.

Gonzalez (2020) afirma que:

a situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama, da escrava de ganho. Enquanto mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, o objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo. Mas seu espírito de quilombola não a deixa soçobrar. (GONZALEZ, 2020 p. 181).

O fragmento abaixo, retirado do texto *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, de Lélia Gonzalez, nos mostra um pouco da riqueza e da criatividade de um povo tão plural. Para

ela, a linguagem é epistêmica, uma vez que conforma o modo como conhecemos e entendemos a realidade, e reflete relações de poder:

Cumé que a gente fica?

Mas a festa foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega prá cá, chega prá lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso. Foi aí que a **neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida**. Tinham chamado ela prá responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa prá falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. **Tava armada a quizomba. A negrada parecia que tava esperando por isso prá bagunçar tudo**. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava prá ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente prá festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discurseira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que agente mesmo? Se tavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa prá gente da gente? **Teve uma hora que não deu prá aguentar aquela zoadá toda da negrada ignorante e mal educada**. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu prá cima de um crioulo que tinha pegado no microfone prá falar contra os brancos. E a festa acabou em briga... (GONZALEZ, 2020, p. 67).

Gonzalez (2020, p. 47) nos diz que “importa caracterizar o racismo como uma construção ideológica, cujas práticas se concretizam nos diferentes processos de discriminação [...]. Para ela, o racismo brasileiro se dá por degeneração como sintoma de algo”.

Essas questões chegaram até os nossos dias e reverberam nas obras de várias/os autoras/es contemporâneas/os negras/os como as/os que têm levantado sua voz mostrando como o racismo está presente na nossa sociedade. Por isso, Kilomba (2019, p. 41) é incansável ao ressaltar que “a máscara, portanto, levanta muitas questões: [então] por que deve a boca do *sujeito negro* ser amarrada? Por que ela ou ele tem que ficar calada/o? O que poderia o *sujeito negro* dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? E o que o *sujeito branco* teria de ouvir?”

Conluio das perdas: a voz de Malcolm pede liberdade e justiça

O conto *Conluio das perdas*, de autoria do escritor Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, faz parte do livro *Contos Crespos* (2008), composto por 37 textos. Cuti nasceu em Ourinhos-SP, em 31 de outubro de 1951. O autor foi um dos fundadores e membro do Quilombhoje-Literatura e um dos criadores e mantenedores da série *Cadernos Negros*.

No conto, o narrador personagem expõe o racismo por que passa o negro, cotidianamente, na sociedade brasileira, por meio de situações do cotidiano/corriqueiras, que,

de uma forma ou de outra, acabam afetando a vida dos personagens. Nesse sentido, é interessante destacar o sentido que Kilomba (2019, p. 80) dá ao termo “cotidiano”, assim:

o termo “cotidiano” refere-se ao fato de que essas experiências não são pontuais. O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém – no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família [no banco, na delegacia, na escola, no trabalho e, tantos outros lugares]. (KILOMBA, 2019, p. 80).

Em *Conluio das perdas*, o narrador é um pai de família que perdeu a esposa, Helena, e nos relata que o racismo levou à perda/distanciamento do filho, Malcolm. O pai nos conta a desventura do filho que, ao ir ao banco, no intervalo do cursinho pré-vestibular, sofre um assalto com tiroteio e morte e, por conta da sua cor da pele, é preso por engano. Esse fato ocasiona o trauma que o leva a se distanciar do pai e, na sequência, o faz optar por sair de casa.

No entanto, nosso personagem-narrador, antes de chegar ao ápice dessa história escandalosa, recorre à memória e traz momentos de muita sensibilidade ao falar a respeito da sua relação com o filho, do período da infância de Malcolm, da morte da amada esposa. Por meio do conto, o narrador mostra não somente as duas perdas do personagem, mas também aponta para a capacidade de ressignificar a vida e seguir adiante mesmo em situações desafiadoras de imensa dor como a vivenciada pelo personagem Malcolm.

Vejam os que o narrador nos diz:

Fico aqui curtindo saudade, saudade de quem retorna às minhas próprias raízes e, ao mesmo tempo, me abandona nesta São Paulo de tantos sonhos e decepções[...]

Não fosse aquela história de "**hora errada em lugar errado**", talvez eu tivesse a sua companhia, **ainda por muitos anos, a meu lado** (CUTI, 2012, p. 196).

A recordação da perda da companhia de alguém, que o leva à solidão, e, na sequência, o fato inesperado acima relatado, leva-o a fazer comparações com suas próprias experiências de vida. No entanto, esse evento causa uma dor ainda maior que as humilhações cotidianas que estava “habitado” a ouvir. Assim, discretamente, ao retornar a casa, o narrador-personagem assegura:

Vamos vencer isso. Não desanima. Eu já passei por isso também.

Falei, mas era mentira. Havia, sim, vivido alguns vexames do tipo: pai da namorada, ao me conhecer, impede o namoro; ser barrado em porta de prédio ou me indicarem o elevador de serviço quando eu era visita; não ser servido em restaurante ou tomar chá-de-cadeira; ser preso por vadiagem, mesmo com a Carteira de Trabalho assinada.... Enfim, eram fatos que me haviam feito sofrer, mas nada daquilo se igualava ao que acontecera. (CUTI, 2012, p. 196).

Nos trechos em destaque, o narrador-personagem tenta animar o filho com palavras de conforto e encorajamento, no entanto, reconhece que vivemos em uma sociedade repleta de contradições, pois se julga igualitária e sem racismo, mas na realidade as situações de racismo continuam presentes no Brasil. O que o personagem-narrador nos propõe é olhar com cuidado para essa questão e entender como ela se reproduz diariamente na sociedade ainda hoje. Então, é importante olharmos e refletirmos sobre a desigualdade, especialmente por essa lente de raça e, ao fazê-lo, percebemos que o passado de escravidão e submissão não é algo muito distante, mas uma constante, o vemos como uma prática que se reproduz cotidianamente pelas dinâmicas de exclusão e preconceito. Basta lermos o conto para percebermos o quanto isso é rotineiro, acontece a cada instante e assume diversas formas: “uma conversa, uma entrevista, os estereótipos apresentados nas novelas, no cinema.” (GONZALEZ, 2020, p. 69).

O narrador deixa marcado, por meio de suas memórias, que a relação pai e filho era afetuosa, com diálogo franco sobre questões raciais, bem como seu enfrentamento; observemos:

[...] Depois da morte de Helena, Malcolm tornou-se a minha mais importante motivação de viver. [...] Meu filho tornara-se meu companheiro. Bastava haver qualquer coisa que me aborrecia em alguma de suas atitudes, ou vice-versa, ele me dava alguns leves socos, como quem chama para a briga, e ia me dizendo suas desculpas ou permitia que eu desse as minhas. Eu ensaiava aquela luta com ele e, assim, íamos conversando até, por fim, nos abraçarmos e todo aborrecimento se afastar completamente. [...] **Contudo, às vezes, nós, seres humanos, perdemos a noção de que debaixo de nossos pés existe areia movediça.** (CUTI, 2012, p. 198).

O narrador nos conta sobre um sonho inquietante que teve com sua esposa, Helena, próximo ao dia do ocorrido, mas suas atividades diárias tê-lo-iam feito esquecer daquele “pressentimento de que algo aconteceria”. Contudo, ao final daquele expediente de trabalho, seu celular tocou e uma “voz autoritária” anunciou a “prisão de seu filho ocorrida horas atrás” (CUTI, 2012, p.199).

A partir desse momento, observaremos o episódio de violência que Malcolm vivenciará. Primeiro ele é barrado na porta giratória da agência bancária, fato que leva o narrador a lançar a suspeita de que a porta era travada por um segurança que detinha o controle remoto, portanto, barrava quem quisesse, independentemente do fato de a pessoa

portar objetos de metal ou não. Uma evidência dessa suspeita é o fato de a porta giratória não ter sido ativada quando os assaltantes adentraram a agência.

O narrador prossegue o relato e conta que os indivíduos anunciaram o assalto, ordenaram que todos se deitassem no chão e coletaram o dinheiro. No entanto, ao saírem da agência, os assaltantes foram surpreendidos pela polícia, e, com o início do tiroteio, eles voltaram para dentro do banco. Neste momento, Malcolm assume o relato do conto e faz um desabafo:

Pai – Malcolm relatou-me – eu vi tudo. Eles me pularam três vezes. Uma, quando entraram. Outra, quando tentaram sair e, depois, quando retomaram. Eu estava com a cabeça debaixo de uma cadeira, o rosto voltado para a porta e o resto do corpo para fora. Um deles, quando estavam tentando fugir, pisou nas minhas costas. Quando tiveram de voltar, um outro caiu em cima das minhas pernas e a arma dele – uma metralhadora pequena – veio parar próximo do meu cotovelo, depois de bater no meu ombro esquerdo. O cara agonizava. **Foram muitos tiros**, vidros estilhaçados e uma gritaria geral. Os policiais nem consideraram que havia reféns dentro do banco. Tentei me encolher, mas o peso do homem em cima das minhas pernas travou meus movimentos. De repente a artilharia parou. O que se ouviu naquele instante foi o som de muitas sirenes, choros e gritos histéricos. **Eu tremia e suave frio**. Aí, houve mais dois tiros. Acho que devem ter sido esses que mataram o segurança, aquele que tinha me barrado. Ele tentou reagir mesmo tendo sido algemado pelos ladrões. Então, eu consegui, **num impulso, me encolher e fiquei na posição fetal**. Só que, quando eu fiz isso, a arma caída ficou mais perto de mim. Fechei os olhos. Foi, então, que me deu uma crise de choro e a minha tremedeira aumentou. Houve, a partir daí, muitos outros tiros. Depois parou tudo, só ficando gemidos. Demorou um tempo assim. Aí, os policiais entraram falando alto, até que senti passos perto e escutei: **"Esse daí não mata não! Esse a gente leva."** Recebi um forte chute na coxa e agarram minhas mãos que cobriam a cabeça e me algemaram. (CUTI, 2012, p. 200-201).

A situação de violência passada por Malcolm está em toda a narrativa, desde o momento do constrangimento e da humilhação com a porta automática até a posição tomada pelos policiais que o agridem por considerá-lo culpado devido à cor da sua pele. Para os policiais, Malcolm é um dos assaltantes, e o agridem fisicamente, por isso não lhe deram tempo para conversar ou para algum tipo de tentativa de esclarecimento. Nesse sentido, Gonzalez (2020) alerta que a ideia do negro como criminoso nato é preconceito, pois reflete uma visão/opinião totalmente negativa a respeito do ser negro. Poderíamos então nos questionar: esse é o tratamento dado a todos os cidadãos?

Vejamos que Malcolm só é liberado após ser reconhecido como cliente por um funcionário da agência. O resultado de tal situação foi a desistência do vestibular, que até

então era o seu sonho. O personagem também deixou de sair de casa e, aos poucos, foi se distanciando do pai. A violência do assalto e da prisão o levaram a tomar a decisão de ir embora, sair de sua casa, mudar, inclusive, de estado. Até este momento não conseguimos perceber se essa decisão é motivada pela busca de novas oportunidades ou pelo fato de querer se esconder após o trauma sofrido.

Mas, o que vamos encontrar adiante é a esperança de dias melhores, a coragem de se levantar e avançar diante das dificuldades, já que a situação de violência se impôs aos dois personagens. Seria interessante pensarmos um pouco sobre o que levou Malcolm a escolher a cidade de Salvador para morar. Talvez, para se defender da violência e da injustiça, ele tenha buscado formas de resistência ao mudar de lugar. O fato é que Malcolm encontra esse lugar de força, de luta e aos poucos se recupera da dor, do trauma. Podemos perceber isso com o conteúdo do e-mail que Malcolm encaminha ao pai, com uma feliz notícia:

"Pai, hoje eu coleí lá no **Curuzu**. Fui para a saída do Ilê Ayê! Rolou um axé, senti maior firmeza. Mesmo com a miséria que tem aqui, **os caras representam mesmo o nosso pessoal**. Levantam o moral da galera. Trombei uma mina firmeza que você vai gostar. É daqui. Elinalva. Meu coração tá bombando. Ela tem uns esquemas com umas pessoas do bloco e vai rolar um lance de eu desfilar. Se der, vai ser massa. Com essa gata no meu caminho, acho que começo a desencanar daquela treta do banco, do vestibular e de todo aquele estresse. Vou pedir mais uma vez para você me desculpar pelo jeito como eu saí de casa. Foi mal. Você sabe. Você sabe... O importante é que eu estou ficando de boa. Você tá ligado que é o melhor pai do mundo. Quando puder, cola aqui em casa. Um beijo do teu filho. Malcolm." (CUTI, 2012, p. 202).

É interessante destacar também que a fala de Malcolm, nesse momento de recomeço, é diferente, escutêmo-la: "Pai, hoje eu coleí lá no Curuzu. Fui para a saída do Ilê Ayê! Rolou um axé, senti maior firmeza. Mesmo com a miséria que tem aqui, os caras representam mesmo o nosso pessoal" (CUTI, 2012, p. 202). Observamos que a força da ancestralidade de Malcolm opera por meio da música e da espiritualidade e se faz presente pela escolha do local "Curuzu". Cabe mencionar que este lugar é um ambiente de empoderamento negro. Então, isso é muito significativo, ainda que não tenha sido dito. Não é tarefa banal superar dificuldades, requer ousadia e atitude positiva diante dos desafios que teimam em imobilizar e paralisar o ser humano. A expectativa de melhores momentos vem por meio da determinação de Malcolm, que não se permite sucumbir diante da questão colocada de forma tão violenta:

Agora eu sei: apesar da areia movediça sob nossos pés, a determinação é que não nos deixa afundar. Quando terminei a leitura do e-mail, com uma

preocupação a respeito das decepções amorosas, saltou à minha mente algo que há anos eu havia perdido em mim mesmo. À pergunta de Malcolm, ainda menino, sobre a morte, eu havia respondido: **Morrer é ir morar somente dentro dos outros.** (CUTI, 2012, p. 202).

Dessa forma, o narrador percebe a resposta que havia dado ao Malcolm criança sobre o significado de morrer. E novamente recorda-se de Helena ao dizer: “Na última noite, minha hóspede maior sorriu-me no sonho e eu senti em meus dedos as delícias do toque em seu cabelo crespo. **A chuva passou. Estrelas lantejoulam o céu. O calor vai voltar.**”

O narrador personagem finaliza o conto com uma perspectiva de dias melhores, pois seu personagem Malcolm é forte o bastante para reagir a qualquer tipo de racismo que se coloque. Nesse sentido, Kilomba (2019, p. 227) afirma:

é comum insistir no que alguém fez – “O que você fez depois?” – mas não no que o racismo fez com a pessoa. O mito de que as pessoas negras se vitimizam quando falam sobre as feridas causadas pelo racismo é uma estratégia muito eficaz para silenciar aquelas que estão prontas para falar. [Dessa forma] a questão “O que o racismo faz com você?” Não tem nada a ver com vitimização; tem a ver com o empoderamento, pois precede o momento no qual alguém se torna o sujeito falante, falando de sua própria realidade. [...] [alerta que o importante é perguntarmos] “O que o racismo fez com você?”. [E justifica dizendo que] eu realmente vejo essa pergunta como um ato real de descolonização e resistência política, na medida em que permite ao sujeito negro, finalmente, se ocupar consigo mesma/o, em vez de com a/o “outra/o” branca/o. A pergunta é direcionada para o interior (o que – ela/e – fez – com você) e não para o exterior (o que – você fez – com elas/eles) (KILOMBA, 2019, p. 227).

Portanto, Kilomba alerta para que tenhamos coragem de falar da nossa própria realidade, pois isso é algo profundamente “revolucionário”, capaz, inclusive, de sarar feridas profundas.

O conto, como dito, deixa transparecer o racismo que insiste em perdurar no Brasil até os nossos dias. Nesse contexto, Gonzalez (2020, p. 69) problematiza a questão do racismo ao revelar que:

a primeira coisa que a gente percebe [quando se fala de] racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria [...] porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual [...] Daí é natural que seja prosseguido pela polícia, pois não gosta de trabalhar, sabe? Se não gosta de trabalhar é malandro, e se é malandro é ladrão. Logo tem que ser preso, naturalmente. [...] (GONZALEZ, 2020, p. 69).

De toda forma, podemos observar a questão do racismo no Brasil por meio dos números da violência, pois estes mostram muito bem o racismo cotidiano presente em nossa

sociedade. De acordo com dados do Atlas da Violência (2021), os negros são o grupo racial mais atingido, o que corresponderia a 77% do total de vítimas de homicídios. Nesse sentido, “a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. Em outras palavras, no último ano, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que entre não negras”. Portanto, a desigualdade racial gera situações vergonhosas como essa apresentada no documento, mas serve também para explicar como a cor de pele e a situação econômica são utilizadas como desculpas para o horror das detenções, espancamentos, humilhações e mortes dos negros em relação a pessoas não negras. No entanto, nossa sociedade insiste em permanecer com os olhos vendados, com a boca fechada, no mais profundo silêncio, e por essa razão constantemente escutamos diálogos como:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas...Nem parece preto. (GONZALEZ, 2020, p. 69).

Agimos como se tudo isso fosse algo natural, e diante de falas como essa não paramos para fazer a reflexão necessária. Recentemente escutei de uma pedagoga a seguinte fala: “Meu avô era preto, mas era limpinho e trabalhador”. Ao ouvir isso, olhei para a pessoa na intenção de perceber algum constrangimento, alguma ruborização da face, mas como não percebi nenhum embaraço, perguntei: “O que você disse?” na tentativa de que, ela, ao repetir, escutasse sua própria voz ao fazer tal afirmação carregada de preconceito racial. Não deveríamos nunca deixar esse tipo de fala passar despercebida, ainda mais por alguém que é uma formadora de opinião. Há muito tempo Lélia Gonzalez já nos alertava de que “esta visão negativa do negro começa a ser transmitida [por todos os meios] nos textos escolares e está presente numa estética racista veiculada permanentemente pelos meios de comunicação de massa, além de estar incorporada num conjunto de estereótipos e representações populares (GONZALEZ e HALSENBALG, 1982, p. 91).

Para Kilomba (2019, p. 226-227):

o racismo cotidiano tem sido intensamente negado em nossa sociedade e que aquelas/es que o experienciam são constantemente lembradas/os de não nomeá-lo, mantê-lo quieto, como um segredo – nesse sentido, a pergunta “O que o incidente fez com você? É bastante libertadora, pois ela abre espaço para o que foi negado. (KILOMBA, 2019, p. 226-227).

Lélia Gonzalez (2020, p. 281), por sua vez, ao ser questionada numa entrevista ao *The Brazilians* se “há ou não racismo no nosso país?”, respondeu objetivamente que o “racismo no Brasil é profundamente disfarçado”. Eu diria que em nosso país ele deixou de ser disfarçado, pois as pessoas já não sentem a menor vergonha em expressar falas racistas ou agir como racistas. Existe, sim, uma permissividade escancarada. Concordo com Gonzalez (2020) ao afirmar que:

a população negra brasileira se encontra numa situação que não é muito diferente de há noventa anos atrás, pois as formas de dominação e exploração não acabaram com a falsa abolição, mas simplesmente se modificaram. Continuamos marginalizados na sociedade brasileira que nos discrimina, esmaga e empurra ao desemprego, subemprego, à marginalidade, negando-nos o direito à educação, à saúde e à moradia decente. (GONZALEZ, 2020, p. 281).

Por fim, Coates (2015, p. 21) destaca que “o racismo é uma experiência visceral, que desaloja cérebros, [...] esgarça músculos, extrai órgãos, fratura ossos, quebra dentes”. Como tudo isso é comum na vida dos negros, poderíamos nos indagar, então: como resistir diante de situações tão perversas que tentam inclusive retirar/apagar nossos sonhos, nossa esperança em trilhar caminhos mais tranquilos?

Olhos d’água: a voz da mulher negra

O Livro *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo, foi publicado em 2014 e é constituído de quinze contos. Ao falar sobre o livro, Cruz (2015) nos revela que a maior parte dos contos reunidos nele:

foram anteriormente publicados nos Cadernos Negros e trazem situações baseadas no cotidiano da comunidade negra/afro-brasileira urbana, diz também que o modo de escrita da escritora é fundamentalmente comprometido com a vida, sem o receio de que o trato da lida cotidiana comprometa a qualidade literária, pois escrevemos justamente porque estamos aqui vivos... (CRUZ, 2015, SN).

Nossa escritora é Conceição Evaristo, mas, antes de falarmos sobre ela, permitiremos que ela mesma nos fale de si:

Conceição Evaristo por Conceição Evaristo

Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946.

Sempre soube que sou negra.

Escrevo. Deponho.

Um depoimento em que as imagens se confundam, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se

con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente:

“O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. **A poesia me visitava e eu nem sabia...** (EVARISTO, 2009, n.p.).

Após essa apresentação poética, cheia de doçura e agradecimento por algo que sempre esteve presente nela, ainda que não pudesse ser percebido de imediato, passemos à apresentação bibliográfica da escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito, que nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Conceição Evaristo é doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro e licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra no Brasil. Em 1990, estreou na literatura quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*.

No conto em análise, intitulado *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, temos a presença e a voz de personagens mulheres de várias gerações no mesmo espaço (mãe, filhas, neta), além da presença protetora dos ancestrais da família. Temos também a presença forte da Orixá feminina Oxum, que permeia todo o conto. Oxum é a rainha da água doce, senhora dos rios e cachoeiras, ela representa a força do poder feminino nas religiões de matriz africana, conhecida carinhosamente como Mãe d'água.

Evaristo (1996, p. 104) evidencia que “o poeta precisa recompor o passado para poder ser, se ter, se ver, se dizer por inteiro”. Assim, podemos dizer que ela, em seu processo de escrevivência, assume-se por inteiro, não demonstra nenhum receio de ser vista, ser escutada. Portanto, ao acessar o passado por meio da memória, seu objetivo é buscar a libertação de algo que sempre esteve ali presente, latente, e que apenas poderia ser acessado por meio do processo restaurador da memória. Percebemos, então, que Evaristo não abre mão de sua história, de sua vivência, da mesma forma que não deixa de lado a memória de seu povo. Por isso, a autora insiste em falar das mulheres negras que tanto contribuíram para a formação do Brasil, apesar de terem sido silenciadas, colocadas à margem, exploradas... O chocante no conto *Olhos d'água* é que não é algo que diz respeito apenas ao passado, mas é algo que faz parte do presente e que precisa ser verbalizado, ecoado, para que, dessa forma, seja refletido e

debatido e, assim, não mais faça parte do presente-futuro de tantas mulheres negras que lutam por inserção social e condições dignas de vida.

Werneck (2016), na introdução do livro *Olhos d'água*, destaca que “Conceição [Evaristo] Iyalodê, canta sua cantiga. Conta. Propaga o axé” e nos convida a cantar [contar] com ela.

Evaristo (2020, p. 15) inicia o conto a partir de um relato: “Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe?” Percebemos então que o fio condutor dessa narrativa é a construção da identidade não apenas individual, mas a coletiva, ao evocar a presença da uma Orixá, pois entendemos que diante de uma evocação como essa “nunca” estamos sós.

Nesse sentido, Evaristo (1996), ao falar sobre identidade, diz-nos que a literatura negra, ao olhar para o passado por meio da memória, visa não apenas à reconstrução ou construção de um passado, mas especialmente relacioná-la com o cotidiano:

A literatura negra, no momento em que se volta para o passado e em que retoma a linha do tempo pela memória, pode ser lida como uma necessidade de reconstrução ou construção de um passado histórico para relacioná-lo ao tempo e à história presente. Entretanto, não vai lidar só com o passado remoto, mas também com o passado recente, com a continuidade e com a descontinuidade, com a ruptura, com o cotidiano, com a matéria do hoje e do agora (EVARISTO, 1996, p. 103).

E vai além, ao destacar que:

O canto da diáspora vai tentar preencher as ausências premeditadas a apagar as falas distorcidas de uma história oficial que poucas vezes contempla, sob o ponto de vista negro, a presença dos descendentes de africanos em solo brasileiro (EVARISTO, 1996, p. 103).

Nesse sentido, ao refazer o caminho via memória, proporciona ao leitor a possibilidade de participar/tecer esse fio em prol da construção de uma história. Não de uma história ficcional qualquer, mas de nossa própria história, pois nos sentimos parte dessa jornada que se iniciou há muito tempo e que necessita ser recontada a partir de nós, da nossa luta, da nossa resistência. O vínculo/elo com a ancestralidade também é uma forma de resistir.

O discurso literário negro ao querer refazer o caminho de volta para uma África mítica, ao desejar reencontrar os primeiros africanos chegados ao Brasil, ao querer construir seus heróis com uma forma simbólica própria, ao buscar na tradição negra um repertório de signos para a sua poética é sustentada por uma memória recriada, reinventada e costurada por fios

imaginativos que vão compor seus lapsos e espaços de esfacelamentos (EVARISTO, 1996, p. 103).

[...]

A literatura negra, ao fazer do passado matéria de poesia, matéria de literatura remete-nos para o significado de memória nos negros. (EVARISTO, 1996, p. 103).

A voz que ecoa do conto *Olhos d'água* é a voz de uma mulher negra livre, ainda que a situação vivenciada seja de sofrimento causado pela miséria, pois é alguém que fala. Na maior parte das vezes, nós, mulheres negras, não temos essa liberdade, essa ousadia, mesmo que tenhamos muito a dizer. Pensemos no título do conto, nas sensações que ele nos provoca a partir da sonoridade da voz da personagem. Sintamos:

Vi só lágrimas e
lágrimas. Entretanto,
ela sorria feliz. Mas eram tantas
lágrimas, que eu me perguntei
se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos
sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe
trazia, serenamente em si, águas correntezas.
Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu
rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor
de Olhos D'Água. Águas de Mamãe
Oxum! Rios calmos, mas profundos e
enganosos para quem contempla a vida
apenas pela superfície. Sim, águas
de Mamãe Oxum. (EVARISTO, 2016, p. 18-19).

Não há palavras que consigam abarcar toda a poética do trecho acima, por isso é permeada de sons [do riso, do choro, do rio, do mar, da vida].

[...] Às vezes, **as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum.** Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso **desesperado desejo de alimento.** (EVARISTO, 2016, p. 16).

Nesse fragmento, a filha, personagem narradora, destaca experiências marcantes de sua infância e menciona que as histórias de infância de sua mãe se confundem com as recordações de sua própria infância, o que nos leva a pensar que a personagem terá o mesmo destino da mãe se não encontrar uma forma de romper a situação de miséria.

No trecho a seguir, a personagem descreve a fome de maneira poética, mas não nos esqueçamos de que a privação de alimentos dói, mata, fere a dignidade de ser humano. Antes, porém, de mostrar a beleza do fragmento abaixo, traremos o dado sobre a fome no mundo. O

relatório “O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo 2021”, publicado em conjunto pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), pelo Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (Fida), pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), pelo Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas (PMA) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), mostra que mais de 2,3 bilhões de pessoas (ou 30% da população global) não tiveram acesso à alimentação adequada durante todo o ano de 2020. A análise dos números informa um dado trágico: de 720 até 811 milhões de pessoas no mundo passaram fome no ano de 2020 – 161 milhões a mais do que em 2019.

Já a pesquisa “Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil”, realizado pela Rede PENSSAN, ofereceu um retrato abrangente da situação alarmante de insegurança alimentar vivenciada no país, pois demonstrou que do total de 211,7 milhões de brasileiros(as), 116,8 milhões conviviam com algum grau de insegurança alimentar e, destes, 43,4 milhões não tinham alimentos em quantidade suficiente e 19 milhões de brasileiros(as) enfrentaram a fome. É difícil traduzir os problemas enfrentados por quem passa fome e esse é, também, um assunto bastante delicado, sobretudo porque envolve os mais pobres afetados pela desnutrição. Portanto, a beleza do conto aqui retratado é justamente pesar o indivíduo e não a estatística, pois quando ouvimos as memórias dessa família, “enxergamos” mais facilmente como se apresenta esse desamparo.

Voltemos ao conto:

Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Um viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. (EVARISTO, 2016, p. 17).

Num país como o Brasil, não é difícil nos depararmos com cenas como esta: “Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência”. Geralmente uma criança negra não tem tempo de ser criança, tampouco adolescente. Em realidade, somos chamadas a servir/trabalhar desde muito cedo. Em geral aceitamos tal situação por pensarmos que é uma forma de romper com a

miséria que normalmente nos rodeia. No entanto, a narradora afirma que nunca esquecera sua mãe, deixando claro a importância da busca pela identidade demonstrada na pergunta: “De que cor eram os olhos de minha mãe?”

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. **Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família:** ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás. **Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida,** não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, **já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais,** que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, **nossas Yabás,** donas de tantas sabedorias. (EVARISTO, 2016, p. 18).

A narradora não indica a idade em que saíra de sua casa em busca de uma condição de vida melhor para si e sua família. Por mais que esse seja o desejo de toda pessoa que sai em busca de melhores condições de vida, dificilmente retornamos à nossa cidade natal. O mais provável é adotarmos este outro lugar como nosso porto, lugar de encantamento/ esperança, onde tudo será ou parecerá melhor, apesar da ausência dos familiares consanguíneos. Nossa personagem, ao rememorar lembranças da sua infância e a de seus familiares, faz questão de nos revelar que desde muito cedo que “[...] [ela] **entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais,** que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, **nossas Yabás,** donas de tantas sabedorias” (EVARISTO, 2020, p. 18). Provavelmente, toda a coragem e ousadia dessa personagem tenha germinado da força impulsionadora de sua ancestralidade:

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse **doce jogo,** ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou:

Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2016, p. 19).

No desfecho do conto observamos o vínculo intergeracional quando a personagem-narradora busca no olhar da filha a verdadeira cor de seus olhos. O olhar funciona como um espelho capaz de refletir uma na outra, em que avó, mãe e filha estão unidas pelos laços da hereditariedade, o que mais uma vez vai chamar a atenção para a ancestralidade que funciona

como o grande elo capaz de ligar passado, presente e futuro. A identidade da narradora emerge com toda sua força ao dizer “hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe”, mas isso só foi possível pelo retorno a *casa*. Vejamos na declaração: “vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe”, o retorno a casa é também o retorno às suas origens (EVARISTO, 2016 p. 18).

Considerações finais

Ao relacionarmos comparativamente os contos *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, *Conluio das perdas*, de Cuti e *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, nosso objetivo principal foi demonstrar como o racismo estrutural esteve presente na sociedade brasileira desde a sua constituição. Começamos com uma exposição da situação escandalosa da escravidão em nossa sociedade, no século XIX, mostrando o conflito totalmente desigual na relação pai x mãe; homem branco x mulher negra. Por meio da literatura, ao contar a história da personagem Arminda, Machado de Assis revela-nos uma sociedade, já naqueles tempos, desumana, inadmissível, cruel e tirana.

Portanto, observando igualmente a sociedade contemporânea e a voz dos autores afro-brasileiros nesse cenário, percebemos que aquilo que foi objeto de análise literária por Machado de Assis, no século XIX, permanece latente no Brasil, de forma estrutural. Por essa razão é preciso mobilizar a sociedade em prol da questão vivenciada pelos negros que, dia após dia, sofrem com o racismo, a opressão e a submissão do homem negro e da mulher negra na sociedade racista, patriarcal e machista.

Nesse sentido, a literatura exerce papel importante na sociedade, pois ela mobiliza e confronta o indivíduo em todas as suas esferas, levando-o a um processo de reflexão a respeito do meio social em que se está inserido e, conseqüentemente, à mudança de postura diante de determinadas situações.

A escolha do *corpus* se deu por acreditar na possibilidade de aproximação da temática tratada em ambos os contos. Além disso, a(s) personagem(ns) destacada(s) neste artigo, Arminda, do conto *Pai contra mãe*, Malcolm, de Cuti e a personagem Filha, de Conceição Evaristo, são personagens que refletem as diversas situações vivenciadas pelos negros na sociedade brasileira que perpassam episódios que vão desde a escravidão até a problemática das relações de gênero e o papel socialmente destinado para a mulher, tão bem analisado pela escritora negra brasileira Lélia Gonzalez no livro *Por um feminismo afro-latino-americano*.

Outra temática importante presente no conto *Olhos d'água* é a memória colocada como fonte de valorização e reconhecimento da ancestralidade por meio do processo de escrivência da própria história da escritora. Destaca-se que, assim como Evaristo, a escritora e teórica portuguesa Grada Kilomba também tem trabalhado com temáticas como memória, trauma, racismo, escravidão, entre outras. Kilomba evidencia ainda a importância de se falar sobre o racismo. É possível dizer que tal ação tem por intenção deixar o tema em evidência e assim chamar a atenção para a problemática do racismo que precisa ser debatido e combatido na sociedade como um todo.

Interessa-nos, igualmente, a reflexão de Kilomba sobre o valor da memória, pois mostra a importância da memória oral e como esta é crucial para o resgate da história do povo africano, pois é por meio dela que seremos capazes de recuperar, reconstruir e recontar nosso passado, possibilitando, dessa forma, lançar luz naquilo que sempre nos contaram sobre a nossa formação. Isso posto, tenhamos coragem de incorporar este novo capítulo da história do povo brasileiro, sejamos receptivos ao capítulo sobre os nossos ancestrais, uma vez que esta é a nossa própria história.

Por fim, como já dito neste estudo, a leitura dos três contos aqui elencados nos mostra que é importante avançar em busca de dias melhores, pois assim como Kilomba, acreditamos na importância de fazermos o resgate histórico do nosso povo. Somente dessa forma seremos capazes de modificar a sociedade em seus aspectos mais profundos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. “Pai contra mãe”. In: **Relíquias de Casa Velha**. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro Editor, 1906. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4776>. Acesso em 27 jul. 2021. (p. 1-17)
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.
- CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989
- CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da Violência 2021** / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 21, set. 2021.
- COATES, Ta-Nehisi. **Entre o mundo e eu**. Tradução Paulo Geiger. - I. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 150p.
- CUTI. Conluio das perdas. **Contos Crespos**. Mazza Edições, 2012. 216p.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Seleção, notas, ensaios. **Machado de Assis afrodescendente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.
- DE SOUSA CRUZ, Adélcio. **Revelações de Olhos d’água**. Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira, Faculdade de Letras da UFMG, 2020. Disponível online (Última Atualização: 23 Agosto de 2021): <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/70-conceicao-evaristo-revelacoes-de-olhos-d-agua>. Acesso em: 11, out. 2021
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em : <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 14, out. 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2020.
- FAO, IFAD, UNICEF, PMA e OMS. 2021. O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo 2021. Transformando os sistemas alimentares para a segurança alimentar, nutrição melhorada e dietas saudáveis acessíveis para todos. Roma, FAO. Disponível em: <https://www.fao.org/3/cb4474es/cb4474es.pdf>. Acesso em: 08, out. 2021.
- GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero. 1982
- GONZALEZ, Lélia. 2020. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos* Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

KILOMBA, Grada, 1968 - **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

VIGISAN. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. Rio de Janeiro: Rede Penssan, 2021. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_inseguranca_alimentar.pdf. Acesso em 09, out. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.